

# O SURGIMENTO DA ORDEM DA PENITÊNCIA DE SÃO FRANCISCO: Novas Contribuições Para a História de Suas Origens

*Teresinha Duarte<sup>1</sup>*

## **Resumo:**

Crescia, no final do século XII, o número daqueles que aspiravam à perfeição evangélica; estes procuraram a via da espiritualidade penitencial, transformando aquela corrente em um verdadeiro movimento. Francisco de Assis aglutinou parte considerável daquele contingente humano; no princípio, muito pouco estruturado, mas que veio a se constituir em uma Ordem, a Ordem da Penitência.

## **Abstract:**

Grew, at the end of the century XII, the number of those that aspired to the evangelical perfection, they looked for the way of penitential spirituality, changing that into a true movement. Francisco de Assis put together considerable part of that human contingency, at the beginning, it was little structured, but that came into an Order, the Penitence Order.

A existência de uma fraternidade formada por Francisco de Assis e seus primeiros confrades parecia tornar concreta a possibilidade de uma convivência, entre aqueles que a integrassem, acima de todos os sintomas de mal-estar social, advindos das transformações que vinham se processando no mundo medieval, desde o século XI, como o enriquecimento de uns e o empobrecimento de muitos. Isto teve consequências sobre o crescimento numérico e qualitativo não apenas na Ordem dos Frades Menores, mas também em todo um movimento mais amplo que começava a se delinear em torno de Francisco. Aquilo que seus contemporâneos desejavam ardentemente e que era vivido nas modalidades heréticas, parecia possível em Francisco e em sua Ordem, numa forma ortodoxa e merecedora de adesão. Por isto, logo, o movimento iniciado por Francisco passou a atrair não apenas varões celibatários, mas também casais e mulheres.

Atraiu, assim, todos os que se encontravam sequiosos por uma vida

---

<sup>1</sup> Graduada em História pela Universidade Católica de Goiás; Mestre em História das Sociedades Agrárias pela Universidade Federal de Goiás. Doutoranda em História Medieval pela Universidade de Brasília. Professora do Departamento de História da Fac. de Ciências Humanas da Universidade Federal de Goiás – Goiânia – Go.

de penitência. Celano, na *Vida I; Legenda dos Três Companheiros; O Anônimo Perusino*; e São Boaventura, na *Legenda Maior*, registraram para a posteridade a efervescência daquele momento. Celano escreveu que:

*Começaram a vir a São Francisco muitas pessoas do povo, nobres e plebeus, clérigos e leigos, querendo por inspiração de Deus militar sob sua disciplina e magistério. O santo de Deus (...) apresentava o exemplo, a Regra e os ensinamentos de acordo com os quais a Igreja de Cristo rejuvenescia, enquanto nos homens e nas mulheres triunfava o tríplice exércitos dos predestinados. A todos propunha uma norma de vida e demonstrava com garantias o caminho da salvação em todos os graus*(1Celano, 37).

Os autores da *Legenda dos Três Companheiros* registraram que:  
*Não somente os homens se convertiam à Ordem, mas também muitas virgens e viúvas, compungidas pelas suas pregações e, seguindo seu conselho, enclausuravam-se nos mosteiros espalhados pelas cidades e aldeias para fazer penitência. (...) Da mesma forma homens e mulheres casados, não podendo abandonar a lei do matrimônio, entregavam-se, pelo salutar conselho dos irmãos a uma penitência mais rigorosa em suas próprias casas. E assim por meio do bem-aventurado Francisco (...) a Igreja de Deus foi renovada com três Ordens (...). E cada uma destas Ordens, em seu devido tempo, foi confirmada pelo Sumo Pontífice*(*Legenda dos Três Companheiros*, 60).

De forma semelhante O *Anônimo Perusino* registrou:

*Do mesmo modo, muitas moças e viúvas ouvindo a pregação dos frades, vinham pedir conselho: "E nós, o que podemos fazer? Não é possível ficar convosco. Dizei-nos então como devemos fazer para salvar nossa alma". Para tal fim foram construídos mosteiros de clausura em cada cidade, onde viviam em penitência. E um dos frades era encarregado do ofício de visitador e animador das reclusas.*

*Da mesma forma diziam os casados: 'Nós temos a esposa, que não podemos mandar embora. Portanto, ensina-nos o caminho da salvação'. Assim nasceu o que se chamou a ordem da Penitência, aprovada pelo Sumo Pontífice* (O *Anônimo Perusino*, 41).

São Boaventura, o último a escrever, relatou que:

*Muitos, inflamados pelo ardor de sua pregação, impunham-se a nova regra de penitência de acordo com a fórmula aperfeiçoada pelo homem de Deus que decidiu chamar esse gênero de vida 'Ordem dos Frades da Penitência'. E não havendo outro caminho possível para todos os que buscam o céu a não ser o caminho da*

*penitência, admitem-se nela os clérigos e os leigos, os solteiros e os casados. Houve também donzelas que optaram pela castidade perpétua, entre as quais Clara, virgem amantíssima de Deus (...)*  
(São Boaventura, 4,6).

É importante notar o seguinte: Todos os relatos têm como preocupação afirmar a paternidade de São de Francisco sobre as três Ordens: a primeira, a dos Frades Menores; a segunda, a das Damas Pobres ou Clarissas – como ficaram conhecidas; e a terceira, dos Penitentes leigos. Parece, contudo, que esta seqüência: primeira, segunda e terceira advém da ordem de reconhecimento e aprovação oficial das mesmas pela Igreja.

A olhar a disposição que *São Boaventura* fez, diferindo de *Celano* e dos autores da *Legenda dos Três Companheiros* e de *O Anônimo Perusino*, embora a Ordem Terceira seja a terceira no processo de aprovação oficial, teve, na verdade, os seus inícios antes mesmo das Clarissas e nisto os estudiosos parecem concordar quando apontam o ano de 1209 ou de 1210, como os anos prováveis do começo da Ordem Terceira e o ano de 1221, como do seu reconhecimento, com a aprovação do *Memoriale Propositum*, por parte do Papa Honório III.<sup>2</sup>

Mais ainda: sou de parecer que nos primeiros anos – talvez até um pouco depois de 1215 e antes de 1221 – frades, virgens e casais formavam um só grupo e faziam parte de um mesmo movimento, à semelhança de outros grupos, como os Humiliados. Assim, parece que S. Boaventura, foi mais fiel aos fatos ao dizer que aquele gênero de vida foi denominado pelo Fundador, como *Ordem dos Frades da Penitência* – porque não havia outro caminho possível para todos os que buscam o céu a não ser o caminho da penitência – e dele fazia parte, clérigos e leigos: os solteiros e os casados; e que dentre eles, algumas donzelas optaram pela castidade perpétua, como Clara e suas companheiras.<sup>3</sup>

Outro ponto a destacar é que “as virgens e viúvas” e as demais pessoas que procuravam a Francisco e a seus companheiros, faziam-no como uma

<sup>2</sup>. Cf. SILVEIRA, Fr. Ildefonso, OFM e REIS, O.. “Cronologia da Vida de São Francisco”. In. *SÃO Francisco de Assis. Escritos e biografias de São Francisco de Assis. Crônicas e outros testemunhos do primeiro século franciscano*. 6. ed. Petrópolis. Vozes:CEFEPAL do Brasil. 1983. p. 47 e 50.

<sup>3</sup>. Parece ser da mesma opinião Gabriele ANDREOZZI, T.O.R. “San Bonaventura e l’ordo poenitentiae”. In. *Miscellanea Francescana*. Roma. 1975. (75):359. “Allo stesso ordine della Penitenza egli ammette nel 1212 Chiara degli Sfic. (...) Si crea così un immenso movimento, del quale fanno parte chierici e laici, vergini e coniugati, che vivono ed operano nelle situazioni più varie. Per ordinare un tal movimento, su consiglio del Cardinale Ugolino, vengono formati dei gruppi, quello dei minori, e quello delle povere dame. Tutti gli altri rimangono fratelli e sorelle della penitenza”.

resposta de adesão à pregação e ao exemplo dos mesmos. Mas, deve-se lembrar que a adesão daquelas pessoas ao movimento franciscano não constituiu um fenômeno original; fazia parte da efervescência religiosa que tomava conta de muitas regiões do ocidente europeu, desde o século XII. Ao se referir àquele fenômeno, Vauchez escreve:

*Ao longo do século XII, (...) numerosos leigos procuraram formas de vida que lhes permitissem conciliar as exigências de uma existência consagrada a Deus com as que lhes eram impostas pela sua condição de cristãos que viviam no mundo. (...) reivindicavam a possibilidade de acederem à vida apostólica, ainda que permanecendo no seu estado. Entre eles, havia solteiros e havia casados (Vauchez, 1995:1334-134).*

Com efeito, uma “Ordem de Penitentes” existiu, no seio da Igreja antiga, como a única instituição disponível para fazer penitência e obter, sacramentalmente o perdão dos pecados graves, cometidos depois do batismo. Entretanto, no decorrer dos séculos XII e XIII, começou a se difundir, entre ambos os sexos, o costume de “*abraçar voluntariamente a ordem dos penitentes, não para a remissão dos pecados, mas para buscar a perfeição evangélica e para assegurar-se da salvação eterna*” (Pompei, 1991: 441).

Assim, no decorrer do século XII, o movimento penitencial concorreu para a transformação de um laicato adscrito aos mosteiros, onde na qualidade de irmãos e irmãs conversos, se encarregavam da maior parte das tarefas materiais do mesmo. Entretanto, mais para o final daquele século, a maioria dos fiéis que aspirava à perfeição procurou uma outra via de espiritualidade penitencial, que ao final do século XII, “*transformou-se num gênero de vida religiosa livremente escolhida por aqueles que aspiravam à perfeição sem poderem ou quererem abandonar o mundo*” (Vauchez, 1995:137). Esta foi uma característica totalmente nova: a da busca da perfeição evangélica, sem abandonar o mundo, isto é, na própria casa.

Sobre a relação de S. Francisco com os movimentos de penitentes e a fundação da Ordem Terceira, Lázaro Iriarte adotou a posição de G. G. Meersseman, o qual reconheceu “*(...) a Francisco, se não a paternidade como Fundador, ao menos o mérito de haver comunicado uma nova vitalidade, com seu impulso de renovação evangélica, aos núcleos já existentes de irmãos e irmãs da penitência*” (Iriarte, 1985:537). Sou de parecer, inclusive, que nos primórdios do movimento franciscano, Francisco teria se espelhado naquelas fraternidades e sem uma distinção rígida – conforme já assinalai – ele e seus seguidores (frades, virgens e casais) eram todos indistintamente conhecidos como “*penitentes de Assis*” (O Anônimo Perusino, 5, 19).

Isto não tiraria o mérito do exemplo e da pregação de Francisco e de seus companheiros, no “*revigoreamento da velha instituição penitencial*”,

a partir de 1210, especialmente para as regiões da Úmbria, da Marca de Ancona, da Toscana e da Lombardia, onde... *"Leigos piedosos aceitaram o estado de penitência e se formaram verdadeiras e próprias fraternidades de penitentes (...)"* (Gieben, 1981:170). Tratava-se, certamente, de um novo influxo espiritual.

Assim, sem dúvida, a pregação de Francisco e a integração dos frades à realidade social coeva, na península italiana, devem ter concorrido para dar um matiz especial a algumas fraternidades leigas, distinguindo-as daquelas outras que as precederam. Servus Gieben não hesita em afirmar que se tratava de ...

*(...) uma religiosidade do tipo novo, não mais ligada aos modelos de santidade monástica, mas firmemente ancorada na vida laica: salvar a alma na própria casa, segundo a expressão de São Francisco, no exercício do próprio ofício, no cumprimento dos próprios afazeres cotidianos (...) um campo de religiosidade que se distingue, certamente, daquelas fraternidades puramente laicais, mas somente por motivo de um maior empenho religioso (...)* (Gieben, 1981:194).

O caráter inédito daquela espiritualidade, ao tempo de São Francisco, situava, em primeiro lugar, no fato da referida espiritualidade não estar ligada ao modelo monástico-claustral; ela era especificamente laical e consistia no esforço de salvação da alma na própria casa. Depois, ela se distinguiu, também, das outras tantas formas de fraternidades puramente laicais, suas contemporâneas, como as corporações de ofício, devido ao seu empenho religioso.

Quanto à forma de vivenciar este empenho o mesmo autor dá conta de uma variedade de formas adotadas pelos penitentes influenciados pelo carisma franciscano: *"Segundo a diversidade de características e influências ambientais, alguns são portadores de uma espiritualidade mais aberta, caritativa para com os pobres e os enfermos; outros, ao invés, são induzidos a um misticismo interior, em estreita ligação com a vida eremítica e reclusa"* (Gieben, 1981:194). Como se vê: havia uma liberdade muito grande acerca de como vivenciar, cotidianamente, o empenho religioso e penitencial, sem uma preocupação legislativa, com um quadro de normas e regras rígidas a serem obedecidas. Cada qual a seu modo e de acordo com as suas possibilidades procurava tornar concreta, no seu dia-a-dia, o seu propósito de uma vida penitente.

Inclusive, ao analisar dois dos escritos de São Francisco que são *"A Carta aos Fiéis"* – primeira e segunda recensão – que os críticos afirmam se destinar aos irmãos e irmãs da penitência, percebe-se como, naqueles escritos, o Assisiata, não se preocupou em estatuir leis, mas em dar vigor a uma inspiração, estabelecendo uma espécie de parentesco entre aquele e aquela que abraçava a vida de penitente e a Santíssima Trindade:

*Estes são filhos do Pai celeste (cf. Mt 5,45), fazem as obras do Pai, são esposos, irmãos e mães de Nosso Senhor Jesus Cristo (cf. Mt 12,50). Somos esposos, quando por virtude do Espírito Santo, a alma fiel se une a Nosso Senhor Jesus Cristo. Somos irmãos de Cristo, quando fazemos a "vontade do Pai que está nos céus" (Mt 12,50) e somos mães, quando o levamos em nosso coração e em nosso corpo (cf. 1Cor 6,20) por virtude do amor divino e de uma pura e sincera consciência; nós o geramos por uma vida santa que deve brilhar como exemplo para os outros" (Carta aos fiéis – primeira recensão, 1,3-7).<sup>4</sup>*

Assim, como estabeleceu um parentesco entre o penitente e a Santíssima Trindade, estabeleceu um parentesco similar, com o demônio e aqueles e aquelas que não fazem penitência. Eles são "(...) *escravos do demônio, de quem são filhos e cujas obras praticam*" (Carta aos fiéis – primeira recensão 2, 16). Contudo, é interessante assinalar que a primeira recensão mais resumida e a segunda mais extensa não deixam de ser um programa para uma vida de penitência segundo o Evangelho, uma *forma vitae*.

Estes dois documentos têm data desconhecida; a segunda recensão, entretanto, acredita-se que deve ter sido escrita entre os anos de 1215 e 1223<sup>5</sup> e já apresenta, de forma extremamente sutil, o esboço de uma Regra, quando trata de questões como o encorajamento a uma postura anti-herética<sup>6</sup> e so-

4. Conferir o mesmo conteúdo, na *Carta aos Fiéis (segunda recensão)* 9. 48-53.

5. Cf. nota 25. In. *São Francisco de Assis. Escritos e biografias de São Francisco de Assis. Crônica e outros testemunhos do primeiro século franciscano*. 3. Ed. Petrópolis. Vozes:CEFEPAL do Brasil. 1983. p. 82.

6. Anne BRENNOM, "Herejias en la Edad Media: 'Hay dos Iglesias'", *Concilium*. (271): pp. 493-494. afirma que: "La noción de herejía implica la de una ortodoxia militante". Diz que tal noção predominou no período de elaboração da ortodoxia católica, no século IV, depois apagou-se nas mentalidades. Reapareceu, em 1022, quando doze cônegos de Orleans foram queimados vivos sob a acusação de heresia. Diz, ainda que: "En la maraña de los textos del siglo XI (...) el historiador detecta de hecho la existencia de comunidades de varones y de mujeres en que se mezclan clérigos, religiosos y laycos, que buscan un retorno a los ideales de la iglesia primitiva y que aspiran a seguir la disciplina de los apóstolos y sola ley del Evangelio. Algunas de estas comunidades, precisamente las más ardientes en sus reivindicaciones evangélicas, siguen los caminos de la disidencia, es decir, de la desobediencia a Roma, y de la crítica". Sobre as características destas comunidades, G. GONNET. "Cátaros e Valdenses en la Edad Média". *Concilium*. (220):444-445. escreve: " Si si quisiera recoger en una visión de conjunto los rasgos característicos de las herejías de los siglos XI e XII. Se debería poner ante todo de relieve un fondo común de oposiciones y de negaciones, todas las cuales proceden, en mayor o menor medida, de la necesidad de reformar la Iglesia desde dentro. Esta base común no tiene nada de heterodoxa en sí misma, pero en ella se injertarán tendencias más radicales que antes o después, se alejarán de los ideales primitivos. En todas partes domina la reivindicación del recurso exclusivo a las Sagradas Escrituras como a la norma fundamental de la fe y de la conducta de los fieles. Esto significa que ya se recurría al libre examen, como lo prueba la preferencia dada al Nuevo Testamento".

bretudo anticátara;<sup>7</sup> a confissão dos pecados; o jejum dos vícios e dos alimentos; ou a obediência; mas guarda, ainda, a mesma liberdade de ação tão próprias ao Fundador, o que faz supor que, naqueles primeiros anos, os irmãos e as irmãs da penitência levassem uma vida mais livre e carismática, animados pelos escritos, pela pregação e pelo exemplo de Francisco e de seus primeiros companheiros, sem um enquadramento mais sistemático.<sup>8</sup>

Com a aguda sensibilidade aos movimentos laicos de evangelismo e penitência, é possível que o Papa Inocêncio III, procurasse enquadrá-los canonicamente, como fez com os Humiliados, os Pobres Católicos e a Comunidade de Bernardo Primo, inclusive dividindo-os em duas categorias: uma que abraçava uma Regra já aprovada e uma outra, normativa, que era a própria Regra do grupo, e que por isto foram consideradas Ordens Religiosas; a outra categoria, era a dos grupos religiosos que não abraçavam uma Regra já aprovada, mas tão somente um *propositum*, e foram caracterizadas como associações, ou Ordens Terceiras.

Tudo leva a crer que o movimento penitencial que se aglutinava em

---

7. André Vauchez. *A Espiritualidade da Idade Média Ocidental Séc VIII-XIII*. Trad. Teresa Antunes Cardoso. Lisboa. Editorial Estampa. 1995. p. 116-117. fala que no século XI houve pólos de heresia. porém no século XII. o fenômeno tornou-se numericamente importante. pondo em causa a influência da Igreja em certas regiões. E que é possível reconhecer dois filões espirituais nas heresias a partir do século XII: "um deles insiste sobretudo na coincidência entre a palavra evangélica e acção que se esforça por levá-la à prática no mundo. Os seus aderentes propõem-se lutar contra a decadência da Igreja constituindo. à margem desta, grupos de cristãos fervorosos. A sua recusa das estruturas existentes não põe em causa os fundamentos dogmáticos do cristianismo (...). É a tendência que prevalece. na maioria dos movimentos populares da primeira metade do século, e mais tarde entre os valdenses. ou Pobres de Lion (...). Com efeito, segundo eles, a prática da vida apostólica. e sobretudo da pobreza. bastava para conferir o direito de anunciar o Evangelho. Trata-se assim (...) de um conflito de ordem mais disciplinar do que doutrinária (...). A segunda corrente permanentemente reforçada após 1140, sem dúvida por influência de contribuições orientais (...) distingue-se da primeira pelo seu carácter nitidamente dualista. Os seus adversários qualificaram estes heréticos de maniqueus, conhecemo-los pelo nome de cátaros. Defendiam que a renovação necessária do cristianismo devia fazer-se acompanhar de uma contestação de todo o corpo de doutrina ensinada pela Igreja. Para eles. efectivamente. esta havia dissimulado em seu proveito a verdade revolucionária escondida no Novo Testamento, que é a oposição e a luta permanente entre Deus e Satanás, o Bem e o Mal". G. GONNET. *Art. Cit.* p. 445 fala que naqueles grupos haviam ainda tendências gnósticas. tal como a negação do dogma trinitário; a aversão à cruz; a condenação do matrimônio e do ato sexual; a abstenção de comer carne; a depreciação dos sacramentos, dos edifícios religiosos e dos cemitérios etc.

8. Cf. *Carta aos Fiéis (primeira e segunda recensão)*. In. *São Francisco de Assis. Escritos e biografias de São Francisco de Assis. Crônicas e outros testemunhos do primeiro século franciscano*. 3. Ed. Petrópolis. Vozes:CEFEPAL. 1983. Pp. 79-90. Sobre tudo a segunda recensão apresenta. em muitos pontos, um texto bem similar, ao da Regra não Bulada da Ordem dos Frades Menores, de 1221.

torno do *Poverello* de Assis, tenha sido submetido desde então a um processo de enquadramento canônico, inclusive com a separação das três Ordens no interior do próprio movimento. Nascia, naquele momento, propriamente, a Ordem dos Penitentes, ligada ao Assisiata e embrião da Terceira Ordem Franciscana, formada por cristãos leigos e simpatizantes da espiritualidade de Francisco de Assis.

Mas, nada indica que, naquele processo de enquadramento canônico, a Cúria Romana tenha atinado para o específico da espiritualidade daqueles grupos de leigos, tão somente os considerou como uma "Ordem Terceira", porque tinham uma relação com uma Ordem Primeira, e deu a todas aquelas "Ordens Terceiras", uma estrutura jurídica e canônica semelhante, como faz supor ao analisar o *Estatuto de Una Fraternidad de Penitentes*,<sup>9</sup> de 1215 e que, muito provavelmente, veio a se constituir num esboço para o *Memoriale propositum*, de 1221.

Procedendo assim, e com o respaldo do IV Lateranense de 1215, Inocêncio III quis dar uma forma mais definida à reforma da Igreja, em todos os níveis e, neste caso, mais especificamente aos movimentos laicos, que apresentavam um considerável crescimento numérico e pareciam mais vulneráveis às contaminações heréticas. Além da observância integral do Evangelho, aqueles cristãos chegaram ao ponto de se colocarem em oposição às contingências históricas: eles se negaram a portar armas, a aceitarem funções que exigissem juramentos, o que os desobrigavam à fidelidade para com os senhores feudais e magistrados citadinos e exonerava-os do serviço militar e civil, mas os expunha à perseguições e violências de cunho legal e privada.

Foi necessário que a Igreja os protegesse, declarando-os livres do serviço militar e das funções públicas. "A primeira menção oficial dos irmãos da penitência (...) acha-se na bula de Honório III ao bispo de Rímini (16 de dezembro de 1221), encarregando-o de protegê-los contra as autoridades civis que pretendiam forçá-los a tomar armas, sob juramento, em defesa do município" (Iriarte, 1995:540).

Data daquele mesmo ano de 1221 o *Memoriale propositum*, cuja redação é atribuída ao cardeal Hugolino. Apesar de Vauchez enfatizar que o *Memoriale* "não era uma regra, mas um programa de vida", (Vauchez, 1995:161). o documento tem sim uma preocupação legislativa e de enquadramento dos penitentes e de suas fraternidades.<sup>10</sup> Tratava-se de um programa de vida bastante exigente. A admissão na fraternidade era bastante

<sup>9</sup>. Cf. *Estatuto de una fraternidad de penitentes*". In: <http://www.franciscanos.net/teologos/reglas/penitent.htm>.

<sup>10</sup>. Cf. <http://www.franciscanos.net/teologos/reglas/proposit.htm>. O *Memoriale Propositum* contém normas precisas sobre a forma de se vestir: proíbe a participação em "banquetes

críteriosa. Exigia-se dos postulantes: pagamento prévio das dívidas e dízimos atrasados; reconciliação com os adversários; imunidade de qualquer suspeita de heresia; à mulher casada, exigia-se o consentimento do marido. Depois de um ano de noviciado, sendo considerado idôneo, o novo membro emitia a profissão, que era por toda a vida. Redigia-se um documento público que não permitia aos membros abandonar a fraternidade, a não ser em dois casos: para o ingresso na vida religiosa e, em se tratando de um incorrigível, a expulsão da fraternidade.

Na verdade, pode se afirmar que no *Memoriale propositum* – um documento de cunho jurídico e canônico – predominou elementos do direito comum, que vinha se formulando antes ainda do IV Concílio do Latrão (1215), bem como dos decretos oriundos daquele mesmo Concílio. Como, igualmente, pode se afirmar que, nele, há pouco ou nada da espiritualidade especificamente franciscana, mesmo porque o documento não foi endereçado só aos Penitentes que gravitavam na órbita de Francisco, e sim à todas as comunidades de penitentes, indistintamente.

Enquadradas, canonicamente, as fraternidades de penitentes franciscanos foram estreitando as relações entre si: pelos meados do século XIII, já estavam organizadas em províncias, governadas por ministros provinciais e na Itália setentrional já celebravam capítulos gerais. Vauchez diz que, equiparados a religiosos pelas bulas papais, “(...) as cidades confiaram-lhes variadas tarefas, desde a distribuição de subsídios caritativos a conventos, pobres e prisioneiros, até à gestão da tesouraria municipal e ao cumprimen-

---

desonestos”. “espetáculos” e “bailes”: permite o consumo de carnes três dias na semana e insiste na moderação do comer e beber: insiste na recitação das horas canônicas: prescreve a confissão dos pecados e a comunhão sacramental três vezes ao ano: manda restituir as coisas alheias. satisfazer os dízimos passados e pagar os futuros; proíbe o porte e uso de armas: manda abster-se de juramentos solenes e evitar os ordinários: insiste para que cada qual estimule a sua família no serviço de Deus: manda que todos os irmãos e irmãs de uma mesma cidade. todos os meses. participem de uma missa em comum: manda que cada um faça uma contribuição em dinheiro para ser distribuída entre os membros necessitados. ou exéquias de algum dos membros. ou ainda. entre os outros pobres; manda que “contem com o conselho de um varão religioso”; manda que os ministros visitem. por si mesmos ou por outros. semanalmente, os irmãos enfermos: manda aos irmãos e irmãs que assistam aos funerais dos confrades e apliquem-lhe certos sufrágios; manda que se faça o testamento dentro dos três meses consecutivos à profissão: manda aos ministros manter e restabelecer a paz entre os irmãos e entre estes e os estranhos à fraternidade: manda a todos que aceitem os Ministérios e os outros officios. por um ano. quando eleitos: confia aos ministros o cuidado na admissão de novos membros. inclusive não recebendo hereges ou acusados de heresia; proíbe a todos sair da referida fraternidade. a não ser para “entrar em religião”: permite a expulsão dos incorrigíveis; manda a todos que denunciem os irmãos ou irmãs. “que causam escândalo”. ao Ministro e que este os notifique ao visitador: permite aos visitantes dispensar. segundo lhes pareça oportuno. em todos os casos. a todos os irmãos e irmãs: manda aos Ministros. com o conselho de irmãos. eleger os outros ministros e um ecônomo.

to de missões diplomáticas pela paz (...)" (Vauchez, 1995: 162).

A direção prestada pelos Menores às fraternidades de penitentes franciscanos até 1284 foi bastante irregular. O *Memoriale propositum* mandava que tivessem um sacerdote por visitador, mas não prescrevia que fosse um frade Menor. No generalato de Frei João Parenti (1227-1232), foram assistidos pelos Frades Menores. Depois, somente, em 1247, no generalato de Frei João de Parma (1247-1257), os penitentes da região da Sicília e da Itália Meridional obtiveram do Papa Inocêncio IV que o visitador fosse um Menor. Muitos outros penitentes encontraram nos Menores maior compreensão e afinidade espiritual, por isto os desejavam como visitadores. Todavia, ao ser eleito Ministro Geral da Ordem dos Frades Menores, em 1257, Frei Boaventura proibiu aos frades de se imiscuir nos negócios dos penitentes. Só no pontificado de Nicolau IV, a assistência dos Menores se tornou obrigatória, para os irmãos e as irmãs da Ordem Terceira de São Francisco.<sup>11</sup>

Aquele Papa, ainda, regulamentou a Ordem Terceira à semelhança das ordens religiosas contemporâneas, em 1289, pela bula *Supra monten*. A referida bula não fugiu ao esquema canônico-jurídico do *Memoriale propositum*. Sendo mais severa do que aquele quanto ao controle da ortodoxia, no interior da Ordem Terceira. Assim, a Igreja regulamentava e mantinha a vigilância sobre os penitentes, além de colocá-los ao seu serviço e subtrai-los ao poder civil.

Enquanto isto, na vivência cotidiana, aquelas fraternidades de penitentes franciscanos vinham irmanando, ao longo do século XIII, as mais diferentes categorias de pessoas: reis, vassalos, plebeus, letrados e artesãos.<sup>12</sup> Sem dúvida, a integridade de suas vidas deve ter contribuído para uma reforma moral da sociedade. "*Através das corporações, o espírito franciscano se esforçava por reconduzir a ação econômica para um ideal moral, suscitando na consciência dos*

---

<sup>11</sup>. Cf. IRIARTE, O.F.M. Cap., Lázaro. *História Franciscana*. Trad. Adelar Rigo e M. C. Darzen. Petrópolis. Vozes/CEFEPAL. 1985. p. 542. Nicolau IV. antes de ter sido elevado ao pontificado foi franciscano e serviu como ministro geral na Ordem dos Frades. como Papa. contribuiu para a franciscanização dos grupos de penitentes. A orientação de Frei Boaventura. para que os frades se abstivessem do governo dos mosteiros das clarissas e das fraternidades dos penitentes deve-se ao fato das crises internas da Ordem dos Menores e por temer uma jurisdição baseada não na assistência fraterna e na caridade. mas em um certo "imperialismo" e competição que levava cada facção a colocar na própria órbita os vários mosteiros e as várias fraternidades. Ademais, o considerável crescimento numérico na Ordem dos Frades Menores e mais relevante ainda entre os penitentes, trouxe uma série de novos problemas. que levaram o Geral a proibir aos frades toda e qualquer forma de governo sobre as fraternidades de penitentes. A este respeito, conferir o artigo já citado de Gabriele Andreozzi. especialmente nas páginas 558 a 561.

<sup>12</sup>. Foram Terciários: a duquesa Isabel da Hungria; a plebéia Rosa de Viterbo; o sacerdote Sto. Ivo da Bretanha; os reis S. Fernando de Castela e Luís IX de França; o mercador Pedro de Sena; o sapateiro Novelono de Faenzio; e a pecadora pública Margarida de Cortona.

*artífices e dos comerciantes o amor ao trabalho, a retidão nos negócios, os princípios do socorro mútuo, a honestidade dos costumes.*" (Gemeli, 1944:102).

Também, devem ter contribuído para divulgar a espiritualidade franciscana: como o "*louvor sagrado cantado em melodias populares e em língua vulgar*" e a devoção à "*humanidade do Verbo Encarnado*" (Gemeli, 1944:104-105). Todos estes testemunhos fazem acreditar na sobrevivência do carisma franciscano dentro daquelas fraternidades. Para Alfonso Pompei, "*(...) as fontes originárias da espiritualidade franciscana na Ordem Terceira de São Francisco deveriam ser buscadas seja na herança comum deixada por Francisco a todos os seus filhos das três Ordens, ou seja, especificamente, na Carta aos Fiéis, que (...) o seu Fundador tinha escrito para os 'seus' Penitentes*" (Pompei, 1991: 450).

A absorção desta dupla herança, deu aos Terceiros um jeito de ser franciscano, quer individualmente ou em grupos, através dos seguintes pontos: a adesão a uma fé ortodoxa, manifestada na meditação do mistério da encarnação de Jesus Cristo e na consideração aos ministros sagrados (uma postura antierética e anticátara) e a proposta de viver a radicalidade do Evangelho, revivendo, por obra do Espírito Santo, a presença mística de Cristo. Assim, o carisma de São Francisco pode subsistir, nas fraternidades da Ordem Terceira, junto com o processo de enquadramento, numa estrutura canônica e jurídica, tanto no primeiro século da história franciscana, como nos outros que lhe seguiram.

## **Referências Bibliográficas**

### **1. Fontes**

*CARTA aos Fiéis (primeira recensão)*. São Francisco de Assis. *Escritos e biografias de São Francisco de Assis. Crônicas e outros testemunhos do primeiro século franciscano*. 3. Ed. Petrópolis. Vozes:CEFEPAL. 1983. Pp. 79-82.

*CARTA aos Fiéis (segunda recensão)* 9, 48-53. São Francisco de Assis. *Escritos e biografias de São Francisco de Assis. Crônicas e outros testemunhos do primeiro século franciscano*. 3. Ed. Petrópolis. Vozes:CEFEPAL.1983. pp. 82-90

*I CELANO* ou *Vida I*. In. *SÃO Francisco de Assis. Escritos e biografias de São Francisco de Assis. Crônicas e outros testemunhos do primeiro século franciscano*. 6. ed. Petrópolis. Vozes:CEFEPAL do Brasil. 1983. pp. 177-285.

*Estatuto de una fraternidad de penitentes*. In. <http://www.franciscanos.net/teologos/reglas/penitent.htm>.

*LEGENDA dos Três Companheiros*. In. *SÃO Francisco de Assis. Escritos e biografias de São Francisco de Assis. Crônicas e outros testemunhos do primeiro século franciscano*. 6. ed. Petrópolis. Vozes:CEFEPAL do Brasil. 1983.

pp. 646-697.

*SÃO Boaventura ou Legenda Maior*. In. *SÃO Francisco de Assis. Escritos e biografias de São Francisco de Assis. Crônicas e outros testemunhos do primeiro século franciscano*. 6. ed. Petrópolis. Vozes:CEFEPAL do Brasil. 1983. pp. 461-611

*Memoriale Propositum*. In. <http://www.franciscanos.net/teologos/reglas/proposit.htm>

*O ANÔNIMO Perusino*. In. *SÃO Francisco de Assis. Escritos e biografias de São Francisco de Assis. Crônicas e outros testemunhos do primeiro século franciscano*. 6. ed. Petrópolis. Vozes:CEFEPAL do Brasil. 1983. pp. 698-724.

## 2. Bibliografia

ANDREOZZI, T.O.R., Grabile “San Bonaventura e l'ordo poenitentiae”. In. *Miscellanea Francescana*. Roma. 1975. (75): 555-363.

BRENON, Anne, “Herejías en la Edad Média: ‘Hay dos Iglesias’”. *Concilium. Revista Internacional de Teología*. (271): 493-499.

ESSER, O.F.M. Kajetan. *Origens e Espírito Primitivo da Ordem Franciscana*. Trad. Pe. Henrique Antônio Stefan. S. J. Petrópolis. Vozes, 1972.

GEMELLI, O. F. M., Frei Agostinho. *O Franciscanismo*. Trad. Mesquita Pimentel. Petrópolis. Vozes. 1944.

GIEBEN, Servus “Confraternite e Penitenti Dell’area Francescana”. In. *Francescanesimo e Vita Religiosa dei Laici nel '200. Atti dell' VIII Convegno Internazionale. Assisi, 16-18 ottobre 1980*. Società Internazionale de Studi Francescani: Università Degli Studi de Perugia. Assisi. 1981. pp.169-201.

GONNET, G., “Cátaros e Valdenses en la Edad Média”. *Concilium. Revista Internacional de Teología*. (220): 443-447.

IRIARTE, O.F.M. Cap., Lázaro. *História Franciscana*. Trad. Adelar Rigo e M. C. Darzen. Petrópolis. Vozes/CEFEPAL. 1985.

POMPEI, OFMConv. A. “La “Supra Montem” de Niccolo IV e i rapporti tra Francesco e il suo Terz’Ordine”. In. *Miscellanea Francescana*. Roma. 1991. (91): 439-444

SILVEIRA, Fr. Ildefonso, OFM e REIS, Orlando. “Cronologia da Vida de São Francisco”. In. *SÃO Francisco de Assis. Escritos e biografias de São Francisco de Assis. Crônicas e outros testemunhos do primeiro século franciscano*. 6. ed. Petrópolis. Vozes:CEFEPAL do Brasil. 1983. p. 47 e 50.

VAUCHEZ, André. *A Espiritualidade da Idade Média Ocidental séc. VIII-XIII*. Lisboa. Editorial Estampa. 1995.